

Narrando o Fracasso: a locução esportiva na decisão da Copa do Mundo de 1998.

*Prof. Dr. Édison Luis Gastaldo
Professor-adjunto/Unisinos*

Resumo:

Este artigo tem por objetivo analisar a construção social da realidade no chamado “futebol-espetáculo”, a partir do discurso dos locutores e comentaristas das emissoras de televisão aberta que transmitiram a partida decisiva da Copa do Mundo de 1998, disputada entre as seleções do Brasil e da França. A partir de uma análise comparativa entre as imagens do jogo (geradas pela televisão francesa e, portanto, idênticas para todas as emissoras) e as locuções/comentários de cada uma delas – interpretações das imagens – tomadas como definidoras da realidade do jogo, pode-se evidenciar um amplo painel de representações sobre a sociedade brasileira, o futebol, o papel social do esporte, honra, ética e identidade nacional, entre outros temas, apresentados como “definições da realidade”, na medida em que interpretam/definem “o que”, afinal de contas, está acontecendo dentro de campo.

Palavras-chave: Copa do Mundo (futebol); mídia; jornalismo

1. Introdução

Este artigo tem por objetivo analisar a construção social da realidade referente ao jogo de futebol Brasil x França, que decidiu a Copa do Mundo de 1998, na França, a partir do discurso dos locutores e comentaristas das emissoras de televisão aberta que transmitiram o evento. O resultado, amplamente desfavorável ao time brasileiro – 3 x 0 para a França, a maior derrota brasileira de toda a história da Copa do Mundo – tornou as locuções deste jogo um interessante fenômeno de adaptação discursiva a expectativas frustradas, pois o Brasil era apontado então como o grande favorito ao título. Naquela tarde ensolarada de verão europeu, em 12 de julho de 1998, é que se situa este trabalho.

2. A Definição da Realidade no Esporte-Espectáculo

Mediação e Definição da Realidade

Vivemos em um mundo de significados. A interpretação que o ser humano faz da “realidade” (no sentido de “mundo exterior” à mente humana) é sempre mediada pela cultura. Se considerarmos a cultura de um dado grupo como os “significados compartilhados” pelos membros deste grupo (de acordo com as concepções de Hall, 1997 e Geertz, 1978), depreendemos que a “noção de realidade” de cada indivíduo é social e culturalmente construída, estando vinculada à significação atribuída a esta realidade pelo grupo ou sociedade em cujo contexto este indivíduo se insere (ver, neste sentido Berger e Luckmann, 1985). Os significados culturais organizam e regulam as práticas sociais, influenciam a conduta dos sujeitos em um grupo social e, assim, têm efeitos práticos e reais. A produção de sentido/significado é também a produção de cultura, que permeia todas as instâncias de

produção, consumo e controle social em qualquer sociedade, simples ou complexa, exprimindo também a produção/reprodução de uma relação de poder, na medida em que atribuir significados implica em “definir a realidade”. Esta dimensão de circulação de poder presente no ato de comunicação é evidenciada por Bourdieu (1983) ao referir-se à constituição social da chamada “competência lingüística” como uma instância de poder, o poder de “impor a recepção”

A língua não é somente um instrumento de comunicação ou mesmo de conhecimento, mas um instrumento de poder. (...) Daí a definição completa da competência como o direito à palavra, isto é, à linguagem legítima como linguagem autorizada, como linguagem de autoridade. A competência implica o poder de impor a recepção. (Bourdieu, 1983: 160-161)

Para ele, o ato de enunciação possui uma dimensão sociológica, na medida em que toda ação social é um ato de comunicação. Assim, quando alguém *fala*, o faz de algum lugar, com uma certa autoridade e dirigindo-se a alguém. Todas estas instâncias do ato de enunciação possuem uma dimensão social, que na ótica de Bourdieu tornam o discurso um instrumento de poder, o poder de definir a realidade.

Na nossa sociedade, este poder de definição da realidade presente no ato de enunciação está em grande parte localizado no discurso da mídia, de um modo mais explícito no chamado discurso jornalístico e de um modo mais sutil e simbólico no discurso publicitário. O discurso jornalístico tem características que fazem dele uma das maiores fontes de definição de realidade em nossa sociedade. Esta modalidade discursiva estipula, segundo Charaudeau (1983: 101), dois “contratos enunciativos”: um “contrato de autenticidade”, segundo o qual os eventos relatados devem ser “fiéis” à realidade (e, em caso de crônicas ou opiniões, devem ser “objetivas”) e um “contrato de seriedade”, uma espécie de “contrato moral” que liga o “sujeito informador” (o jornalista) a uma obrigação de transmissão das informações. Eis o porquê, segundo este autor, do nome do enunciador desaparecer atrás da maioria das notícias dos jornais (ou telejornais), sob a figura de um enunciador coletivo ou institucional, já que todos eles, supostamente fiéis a estes contratos, tornam-se desprovidos de subjetividade. É a assim chamada “neutralidade jornalística”.

A Imprensa Esportiva

Dentro do campo discursivo jornalístico, uma modalidade específica, a locução esportiva, será abordada neste trabalho. A chamada “imprensa esportiva” pode ser caracterizada pela interpretação jornalística dos fatos relativos ao campo das práticas esportivas. Originalmente uma atividade para ser “praticada”, o esporte tornou-se, com o surgimento e o crescimento da comunicação de massa, cada vez mais um “espetáculo” para

ser “assistido”, visando a um consumo massificado. Essa incorporação do esporte pela indústria cultural gera um divórcio entre prática e consumo, já que não é necessário ter praticado um esporte para assistí-lo pela televisão e (numa espécie de “grau zero da competência esportiva”) emocionar-se com a ansiedade pelo resultado. A veiculação dos eventos esportivos (nos quais os jogadores são, em geral, profissionais) gera um aumento no número de “leigos”, que necessitam “compreender” o que há para ser visto, criando, assim, uma demanda por “comentaristas” (muito freqüentemente ex-jogadores) que, com sua competência específica no assunto, “traduzem” os lances do jogo em termos técnicos e táticos, reforçando, pela oposição aos “leigos”, o primado do profissionalismo (ver, nesse sentido, Eco, 1984).

Essa redução dos “não iniciados” ao papel de meros consumidores dos eventos esportivos possui um aspecto político importante, conforme ressalta Bourdieu:

...não é apenas no domínio do esporte que os homens comuns são reduzidos ao papel de torcedores, limites caricaturais do militante, dedicados a uma participação imaginária que não é mais do que a compreensão ilusória da despossessão em benefício dos experts. (Bourdieu, 1983a: 145)

De modo crescente, o metadiscurso mediatizado engendra a definição de realidade nos fatos do campo esportivo. Mesmo no próprio estádio de futebol, é bastante freqüente que os torcedores que presenciam pessoalmente os fatos do jogo acompanhem os lances com um radinho de pilha colado ao ouvido, acrescentando à própria experiência a autoridade do discurso do locutor e dos comentaristas, “dizendo” (definindo) o que, afinal de contas, o espectador está vendo, ou seja, definindo a realidade.

A transmissão de um jogo de futebol pela televisão “mimetiza” esta experiência de estar no estádio com um radinho de pilha ao ouvido. As diferentes câmaras acompanham as jogadas (ou outros lances) enquanto a voz em *off* do locutor “diz” (define) o que está acontecendo. É evidente que as duas experiências são diferentes: No estádio, o torcedor experimenta o compartilhar de um mesmo evento com milhares de outras pessoas, torna-se massa, dissolve-se na “torcida” de seu time, enquanto em sua casa, assistindo televisão, tal fenômeno social praticamente não ocorre, salvo em circunstâncias muito especiais, como no momento de um gol, por exemplo. O ponto de vista também é diferente. Como ressalta Mauro Betti (1997: 33-34), para a televisão, o jogo acontece somente onde está a bola. Na transmissão de TV, ninguém tem a visão global do espaço de jogo que o espectador presente ao estádio tem. No início das transmissões de jogos de futebol pela televisão, uma única câmara fixa acompanhava de longe as jogadas, assemelhando-se de alguma maneira (ao menos quanto ao ponto de vista fixo) à visão de um espectador presente ao estádio.

Atualmente, dezenas de câmaras, fixas e móveis, espalhadas pelo campo salientam diversos aspectos do jogo, construindo-o como narrativa, como uma meta-representação do evento esportivo. As imagens que vão ao ar são escolhidas conforme uma codificação própria do veículo (por exemplo, *replays* de um gol sob diversos ângulos), construindo, somadas ao relato do locutor, uma versão do ocorrido em campo.

Jornalismo e Subjetividade: a narração esportiva

Ao contrário do que ocorre no telejornalismo, entretanto, quando o apresentador lê o texto das notícias que passam no *teleprompter*, com o olhar fixo na direção da lente (e, como consequência, no olhar do telespectador), na narração de um jogo de futebol, o locutor fala o que está vendo no jogo. Sua imagem, quando aparece, é fora do tempo de jogo. A locução propriamente dita é sempre acompanhada pelas imagens do jogo. Mesmo recorrendo a codificações e jargões próprios desta modalidade discursiva, a obrigatoriedade de falar em primeira mão, em tempo real, abre um grande flanco para a manifestação da subjetividade do locutor, que se coloca como sujeito em sua fala, relativizando os rígidos controles institucionais sobre o discurso jornalístico (como a obediência aos chamados “manuais de redação e estilo”), que tentam, a todo custo, “esconder” a subjetividade do enunciador, “não recomendando” (proibindo?) que se usem determinados termos, que explicitariam juízos de valor ou posições pessoais do jornalista, como ressalta Antônio Fausto Neto:

Segundo as regras (...), o jornalista é destituído de subjetividade, não porque seja um ser pensante, não tenha desejo, mas porque não deve usar marcas lingüísticas que dêem conta destas suas possibilidades. (Fausto Neto, 1991: 40)

Na transmissão de jogos de futebol, a maneira mais evidente de manifestar a subjetividade do locutor seria através da “torcida” pessoal deste por um dos times em campo. Na Copa do Mundo, porém, todos os torcedores do país têm um mesmo time: a seleção brasileira, e não há problema algum na parcialidade do locutor.

O seguinte trecho, transcrito da narração de Paulo Stein, na Rede Manchete, a respeito do momento da entrada em campo das duas equipes é particularmente ilustrativo desta espécie de “parcialidade consentida”:

Existem momentos que ficam gravados na vida da gente. Fica na sua lembrança, na sua memória, no seu coração. Imagina da gente, que é tão torcedor quanto você, que é tão emotivo quanto você, que é tão brasileiro quanto você, e que tem ainda a possibilidade, de além de estar no estádio para ver a final, poder falar e gritar “gol” alto...

Assim, livre de muitas das tradicionais peias à sua livre enunciação, o discurso do locutor de um jogo de futebol da seleção em uma Copa do Mundo torna-se uma fonte oral rara dentro do campo discursivo jornalístico, permitindo uma análise dos mecanismos de

articulação de significado e, por conseguinte, de definição de realidade, não apenas dos fatos do jogo, mas de tudo o que de simbólico um jogo do “Brasil” representa para a sociedade brasileira.

Comentários sobre o método

Na Copa de 1998, a partida final entre Brasil e França teve, segundo dados do Ibope, uma audiência de 94% dos televisores ligados, somando todas as emissoras de televisão aberta que transmitiram o evento, a saber: Bandeirantes, Globo, Manchete, Record e SBT. Realizei gravações em vídeo de todas estas transmissões. Relacionando o poder de definição de realidade característico da mídia e em especial da imprensa esportiva ao contexto deste jogo, no qual o Brasil foi incontestavelmente derrotado, pretendo, a partir da oralidade mediatizada dos locutores e comentaristas esportivos que narraram este evento, evidenciar os mecanismos discursivos que colaboram na construção de uma versão hegemônica dos fatos desse jogo. Cada uma das cinco transmissões de televisão aberta da partida final da Copa do Mundo foi assistida, e foram transcritos trechos da narração ou dos comentários acerca dos fatos do jogo, bem como, ao final deste, das interpretações para a derrota e das tentativas de “consolar” os ouvintes pela derrota perante a seleção da França.

Em termos do poder de “definição de realidade”, existe uma relação direta entre este poder e o chamado “índice de audiência”, tendo o discurso (ou a versão) mais ouvido maior possibilidade de tornar-se hegemônico. Neste sentido, o maior poder de definição da realidade esteve, na Copa de 1998, nas mãos da Rede Globo, que apresentou uma participação média na audiência de mais de 75% durante a transmissão dos jogos da seleção brasileira. A opção por assistir a todas as transmissões, entretanto, se deve à necessidade de ouvir todas as “vozes” envolvidas neste processo, de modo a construir um dado de fonte oral contextualizado. Neste trabalho, tiveram “voz” todas as transmissões, desde a “toda-poderosa” Rede Globo, com seus 75% de participação na audiência (o que, projetado para o Brasil, representa cerca de 80 milhões de telespectadores), até a “pequena” Rede Manchete, com 1% da audiência neste jogo (o que representa pouco menos de 1 milhão de telespectadores em todo o Brasil), além das Redes Bandeirantes (com cerca de 10% de participação média na audiência), SBT (cerca de 7%) e Record (cerca de 5%). Todos os dados de audiência (inclusive projeções) utilizados neste trabalho têm como fonte o Ibope (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística).

3. A decisão da Copa do Mundo de 1998.

Antecedentes imediatos

No dia 12 de julho de 1998, bilhões de pessoas em todo o mundo se prepararam para assistir à partida final da Copa do Mundo, entre Brasil e França. O Brasil, então detentor do título, era considerado unanimemente pela imprensa brasileira como o favorito, após vencer a seleção da Holanda nos pênaltis. À França eram atribuídas as vantagens de jogar “em casa” e o chamado “efeito Marselhesa”, uma vantagem psicológica, o brio despertado nos jogadores franceses (e o conseqüente temor provocado nos brasileiros) pela execução do famoso hino nacional francês por um estádio lotado de franceses. No que dependesse de futebol, o discurso jornalístico não deixava dúvidas: o Brasil era infinitamente superior, mesmo que a França tivesse feito uma campanha impecável. A campanha do Brasil, entretanto, havia sido irregular, sofrera uma derrota na primeira fase, e a seleção tivera dificuldades para vencer adversários considerados fáceis, como a Escócia e a Dinamarca. Contra a Holanda, um dramático empate no tempo normal e na prorrogação levou a decisão para os pênaltis, onde duas defesas de Taffarel classificaram o Brasil para a final e tornaram possível a conquista de um título inédito: o pentacampeonato mundial de futebol. Se a imprensa mostrava-se crítica com relação ao time de Zagallo durante a competição, após o jogo com a Holanda o patriotismo mais desbragado invadiu os jornais, revistas e telejornais, contagiando as ruas. Um *outdoor* veiculado neste período dizia: “Está na hora dos franceses tomarem um banho”, fazendo tanto uma referência preconceituosa baseada no estereótipo acerca dos hábitos higiênicos dos franceses quanto aludindo à expressão “banho de bola”, significando uma derrota vexatória. Do dia 7 de julho (dia do jogo com a Holanda) ao dia 12, esta foi a tônica do discurso midiático, jornalístico e publicitário. Nos termos do jargão esportivo, um clima de “já-ganhou” tomou conta do país, versão dominante com relação à expectativa para o jogo final da Copa de 1998.

A Escalação de Ronaldo

Cerca de uma hora antes do início do jogo decisivo da Copa do Mundo, os locutores e comentaristas das diversas emissoras tiveram acesso à lista oficial da FIFA com os jogadores escalados para o jogo, titulares e reservas. Nesta lista, o nome de Ronaldo, centroavante titular da seleção brasileira, escolhido por duas vezes o melhor jogador do mundo, constava como reserva, tendo sido escalado Edmundo em seu lugar. A notícia surpreendeu a todos os jornalistas, e as versões mais disparatadas foram aventadas para explicar o fato. Pouco tempo depois, uma nova lista de escalação foi divulgada, com Ronaldo como titular, sem maiores

comentários. A dança das versões neste episódio demonstra de modo muito claro o processo de definição da realidade pelo discurso jornalístico. Quase ao mesmo tempo, dezenas de repórteres em campo tentavam obter qualquer razão para o que estava acontecendo, e cada emissora tinha a sua “explicação” para a misteriosa troca de nomes. Galvão Bueno, da Rede Globo, creditava o episódio a um “terrível engano ou uma brincadeira de mau-gosto”. O repórter de campo da Rede Bandeirantes aventava três versões que ele recolhera próximo à delegação do Brasil (que estava trancada nos vestiários, incomunicável): um misterioso remédio que Suzana Werner (então namorada de Ronaldo) teria dado ao jogador ao chegar ao estádio, o que poderia criar problemas no exame *anti-doping*; um engano “puro e simples” ou ainda a demora no resultado do exame pela junta médica que liberou o jogador antes de chegar ao estádio. Segundo Sílvio Luiz, locutor do SBT, “deve ter sido a burrice de algum funcionário da FIFA”. O império da boataria chegou mesmo ao Brasil, onde um apresentador do SBT definiu a questão da escalação de Ronaldo em termos de “certeza”, insinuando mesmo uma intencionalidade possível, uma espécie de “golpe” de efeito moral contra os adversários:

Já temos uma certeza: o que houve foi um erro do Zagallo no preenchimento da ficha. Se foi um erro pela emoção, tudo bem. Se foi um erro de cabeça pensada, foi um golpe maravilhoso.

O episódio e suas risíveis versões concorrentes (aliás, nenhuma foi confirmada) evidencia uma característica do discurso jornalístico: nenhum fato jornalístico pode ficar sem explicação, as causas dos eventos devem ser sempre conhecidas. Esta necessidade tornou-se mais imperiosa pelo fato de todas as emissoras estarem transmitindo o evento ao vivo, e fez com que *qualquer* explicação cumprisse esta função, permitindo que boatos fossem veiculados à guisa de causa do fato. A propósito, o complexo episódio envolvendo a escalação de Ronaldo continua até hoje sem uma explicação convincente, apesar das várias reportagens e programas especiais sobre o assunto. Um ano após a Copa, em junho de 1999, a revista “Placar” publicou uma reportagem (anunciada na capa) sobre o tema, significativamente intitulada “A VERDADE”, título que demonstra tanto o poder/desejo de definição da realidade por parte do discurso jornalístico quanto a descrença no campo da recepção decorrente das (muitas) versões apresentadas como “a verdade” sobre o episódio.

Galvão Bueno e a Conspiração da Arbitragem

Resolvido (aparentemente) o problema com a escalação de Ronaldo com a apresentação da segunda súmula, os locutores das diversas emissoras passaram a comentar as circunstâncias do jogo propriamente dito, como o público presente ao estádio, especulações

sobre o resultado e o currículo dos árbitros, entre outros assuntos. Ao falar do trio de arbitragem, Galvão Bueno, o locutor da Rede Globo, declarou a sua suspeita sobre a escalção do árbitro marroquino Said Belqola, devido aos “fatos” de ele (entre outros idiomas) falar francês e de sua família residir na França, insinuando que, se ele apitasse “contra” a França, seus filhos sofreriam represálias na escola. Tal temor faria com que ele fosse parcial, de modo a prejudicar a seleção brasileira. A suspeita de Galvão Bueno também recaiu sobre o auxiliar (conhecido como “bandeirinha”) inglês Mark Warren, de modo ainda mais confuso. Segundo o locutor, o simples fato de o auxiliar ser inglês já era motivo suficiente para a desconfiança, como manifestou no caso de uma bola dividida em uma cabeçada entre o jogador brasileiro Leonardo e o defensor francês. A bola saiu pela linha de fundo, e foi interpretada como tiro-de-meta (Galvão Bueno achou que deveria ter sido escanteio):

Não tô falando? Said Belqola, o árbitro, e esse inglês, Mark Warner (sic). Se esse inglês tiver, por exemplo, o mesmo sentimento que o locutor da TV inglesa que a gente andou vendo aqui no jogo Brasil e Holanda, ele parecia holandês desde nascença. O que gritava, o que esbravejava, o que torcia para a Holanda, no sentimento europeu. Vamos ver como é que as coisas acontecem daqui pra frente.

Alguns minutos depois, uma bola a meia altura foi dividida pelo lateral francês Lizarazu, com a cabeça, e pelo lateral brasileiro Cafu, com o pé. Mark Warren, ao lado do lance, interpretou a jogada como uma falta chamada de “jogo perigoso” por parte do brasileiro, dando vantagem ao jogador francês. Foi o suficiente para desencadear outra catilinária de Galvão Bueno:

Esse bandeira inglês, Arnaldo, tá com toda pinta de estar mal-intencionado. (...) Não tô gostando desse bandeira inglês, não. Dá toda pinta de estar mal-intencionado, esse Mark Warner (sic), bandeira inglês. Duas intervenções dele muito claras: um escanteio que ele deu tiro-de-meta e essa bola agora em que ele forçou a barra, deu uma jogada perigosa que não existiu.

Alguns minutos depois deste lance, a televisão francesa mostrou imagens em câmara lenta, em que o técnico brasileiro Zagallo gesticulava e gritava, mas sem áudio. Bueno “dublou” a fala do técnico:

Olha o Zagallo aí, o Zagallo tá falando com o bandeira, tá falando no bandeira, você viu ele ali, falando com todo apetite no bandeira inglês, Mark Warner (sic) é o nome dele!

Na verdade, o nome dele é *Warren* (e não “Warner”) e *nada* na imagem apresentada indicava o que quer que fosse de alusão ao “bandeira” ou a qualquer outro tema, era simplesmente uma imagem em câmara lenta do técnico gesticulando e gritando, como em outros momentos foi mostrada a imagem do técnico francês, Aimé Jacquet. A imagem é a

mesma, mas a interpretação dessa imagem articula a ela um sentido que define uma versão da realidade à qual a imagem acaba se referindo.

É oportuno comentar que nenhum dos demais locutores deu maior atenção ao lance entre Cafu e Lizarazu, nem ao anterior. Por exemplo, Sílvio Luis, do SBT, comentou a seqüência da jogada, na qual o jogador francês, desequilibrado após a disputa da bola, caiu sobre a bandeirinha (flexível) de escanteio: *“Tá vendo a vantagem da bandeirinha não ser de madeira? Senão o rapaz tinha se machucado...”*

Outra comparação que contradiz a versão de Bueno acerca da interpretação da disposição da arbitragem para com a seleção brasileira é o comentário de Juarez Soares (SBT) sobre a atuação do mesmo Mark Warren em um impedimento duvidoso do ataque francês no segundo tempo: *“Esse bandeira daqui é nosso! Pode ficar sossegado, porque ele é. Ôpa! Pode ficar sossegado!”* Na seqüência do jogo, os gols da França mudaram a ênfase de Galvão Bueno sobre a “conspiração” da arbitragem, e ele não falou mais no assunto, até o fim do jogo.

O jogo

Um breve resumo do jogo decisivo da Copa de 1998 ajudará a situar o contexto discursivo dos locutores e comentaristas. O jogo esteve equilibrado até os 27 minutos do primeiro tempo, quando, em uma cobrança de escanteio, o atacante francês Zidane fez 1 a 0 para a França. No final do primeiro tempo, aos 46 minutos, Zidane, em outra cobrança de escanteio, ampliou o marcador: 2 a 0. No segundo tempo, a seleção brasileira atacou o tempo todo, mas sem sucesso. No final do jogo, a 47 minutos, um rápido contra-ataque resultou no terceiro gol da França, com Petit fazendo 3 a 0, completando o escore do jogo.

Até o primeiro gol da França, o discurso dos locutores aludia a um jogo equilibrado, com uma certa vantagem dos brasileiros, apesar da França se mostrar mais consistente no ataque.

O Brasil tá começando a botar os nervos no lugar. Aquela euforia do time francês parece que baixou um pouco. (Sílvio Luis, SBT, 15’, primeiro tempo)

Uma coisa a gente percebe: a seleção brasileira tem tranqüilidade para tocar a bola. (Paulo Stein, Manchete, 16’, primeiro tempo)

Vai bem a seleção, vamos tomando conta do jogo. (...) Cada vez vai se acertando mais a seleção brasileira. (Luciano do Valle, Bandeirantes, 19’, primeiro tempo)

Uma jogada perigosa do ataque brasileiro a 20’ do primeiro tempo aumenta o otimismo do discurso dos locutores:

Barthez falhou! O Bebeto ia pedindo o gol, porque a bola ia escapando da mão do Barthez em cima da linha! Esse goleiro está louquinho pra entregar essa Copa do

Mundo! Escrevam aí o que eu estou dizendo: ele está louquinho pra entregar essa Copa do Mundo! (Galvão Bueno)

Tá começando a abrir, esse francês, tá começando a abrir, esse goleiro francês! (Sílvio Luis) [Juarez Soares, na seqüência:] O time da França é fraco. Se o Brasil tivesse um pouquinho mais de entrosamento e confiança, o Brasil já era pra ter feito o gol.

O primeiro gol da França, aos 27' do primeiro tempo, começa a mudar o tom do discurso dos locutores e comentaristas com relação ao desempenho da seleção, em particular no aspecto da atribuição individual da “culpa” pelo gol ao jogador brasileiro Roberto Carlos, que cedeu um escanteio, quando teve a chance de jogar para a lateral. Da cobrança do escanteio resultou o gol:

A França faz o gol, a situação fica mais difícil, mas ainda tem um século de jogo ainda, e o Brasil quando joga atrás, é um time que cresce muito. Quando tá 0 a 0, fica naquele nhém-nhém-nhém. Tomou o gol, você vai ver que o Brasil vai crescer e vai pra cima da França. Uma besteira do Roberto Carlos, pra que fazer aquela besteira que ele fez lá no escanteio? (Juarez Soares)

Copa do Mundo é coisa séria! Final de Copa do Mundo é coisa muito séria! Não é lugar de gracinha e de malabarismo! Na tentativa de malabarismo, em vez de lateral, pintou um escanteio, o que aconteceu? Cabeça de Zidane, bola no chão, gol da França. (Galvão Bueno)

A 32 minutos, um violento choque entre o atacante Ronaldo e o goleiro Barthez (considerado acidental por quase todos os locutores) foi descrita como uma agressão torpe do goleiro francês pelo locutor Luiz Alfredo, da Rede Record:

E ele não aliviou não, o Barthez, hein? Esse mascarado desse goleiro francês não aliviou, não. Olha depois como ele ainda dá uma empurrada no estômago do Ronaldinho...

O encontro dos dois foi puramente casual. (Paulo Stein)

No último minuto do primeiro tempo, o segundo gol da França, em circunstâncias quase idênticas às do primeiro, refreou o otimismo dos locutores:

Está irreconhecível a seleção brasileira! (Luciano do Valle)

Já vi essa seleção brasileira crescer em situações difíceis. Já vi essa seleção brasileira crescer pra cima da Itália perdendo por 2 a 0, virar jogos importantes. Agora, andar assim de cabeça baixa, sair de cabeça baixa desse jeito, não ter gente que vá buscar a bola dentro do gol, que pegue a bola, que traga pro meio, que grite, que diga: “vamos lá, vamos fazer!”, Desse jeito, saindo de campo assim, dessa forma, a coisa fica muito complicada, porque é preciso é muita raça, é preciso é muita garra, é preciso é muita vontade para poder virar o jogo que se está perdendo de 2 a 0. Tocando bola daqui pra lá, dando bicicleta e fazendo graça não se vira jogo nenhum, e muito menos final de Copa do Mundo quando se está perdendo de 2 a 0. (Galvão Bueno)

No segundo tempo, o ataque constante do time brasileiro fez com que voltasse o otimismo abalado pelo placar:

É uma final de Copa, tudo é possível, são detalhes... (...) O time da França está todo apertado, ali, todo apavorado, o Aimé Jacquet manda o time sair. (Luciano do Valle, 1', segundo tempo)

Eles tão realmente encurralados com a pressão do Brasil no segundo tempo. (Sílvia Luis, 3', segundo tempo)

A torcida francesa sente que a sua seleção está em apuros. (Luciano do Valle, 25', segundo tempo)

À medida em que o tempo vai passando e o tão esperado gol da seleção brasileira não acontece, a esperança começa a dar lugar à resignação, buscando salientar algum aspecto positivo possível naquelas circunstâncias:

Mesmo que não consiga, o Brasil é valente, é o único a ser tetracampeão no final deste século, mas ainda busca o penta. (Galvão Bueno, 35', segundo tempo)

Pelo menos, viu, Ratinho, tem dois sorteios depois do jogo, um caminhão e uma casa no valor de 50.000 reais. (Luiz Alfredo, 40', segundo tempo) [Ratinho responde na seqüência:] Pois é, viu, eu queria falar procê, eu ia falar: “grande merda!”, mas eu não vou falar, né?

O Djorkaeff tá desesperado, você vê, tá 2 a 0 e ainda tá desesperada a França, você vê o respeito que a França tem pelo Brasil. Estão desesperados, querendo que acabe o jogo. (Luciano do Valle, 46', segundo tempo)

[com relação à mesma imagem em que Luciano do Valle viu o “desespero” dos franceses, Luiz Alfredo comentou:] *...começam a se abraçar e a comemorar os jogadores franceses.*

Quando o jogo terminou, alguns segundos após o terceiro gol da França, todos os locutores e comentaristas fizeram suas avaliações a respeito do jogo e de suas conseqüências, procurando, de alguma maneira, “consolar” o telespectador, enquanto as imagens mostravam os jogadores brasileiros aos prantos, desolados, sentados no gramado, contrastando fortemente com a transbordante alegria dos jogadores e da torcida francesa.

Palavras de consolo

Milhões de torcedores em todo o Brasil ficaram decepcionados com o resultado do jogo, em grande parte devido à expectativa criada em torno do mesmo pelo discurso da mídia, tanto no discurso publicitário, quanto na opinião dos “especialistas”, a imprensa esportiva, que desde a suada vitória nos pênaltis sobre a Holanda decidira que o jogo contra a França ia ser fácil. O comentarista da Rede Globo, Arnaldo César Coelho chegou a falar em “goleada” do Brasil pouco antes da notícia da ausência de Ronaldo tumultuar o discurso da imprensa. Frente à expectativa frustrada, enquanto a televisão francesa mostrava a festa de seus

campeões, cada locutor ou comentarista tratava de, em longas falas, “consolar” a audiência de diversas maneiras.

Uma estratégia de consolo muito adotada foi a de comparar a seleção com outras grandes seleções que não chegaram à final. Galvão Bueno nem esperou o jogo acabar: a 41 minutos do segundo tempo, já começou a deixar de narrar o jogo para “contar uma história”.

É muito importante já ir contando aqui uma história. Que o importante, realmente, todo mundo quer é vencer, é claro. Mas numa Copa do Mundo, quantos ficaram pelo caminho. A Argentina que ficou, a Inglaterra que ficou já nas oitavas, a Espanha que sequer passou da primeira fase, a Inglaterra que ficou nas oitavas-de-final. Depois, nas quartas-de-final, nós tivemos a Argentina caindo pelo caminho, a Itália caindo pelo caminho nas quartas-de-final, a Holanda ficou na semifinal, e o Brasil chegou pra jogar essa final contra a França. No detalhe de dois gols sofridos em cobranças de escanteio. Isso não quer dizer que a seleção brasileira – é claro – jogou bem? Não, não jogou bem. Está ganhando o título? Não, é claro, não está ganhando. Mas isso não quer dizer que a seleção brasileira de repente passe de uma seleção de heróis pra uma seleção de covardes ou de fracos. Longe disso, isso não existe. (...) Ninguém vira de herói pra bandido de uma hora pra outra porque perdeu o jogo. Continua a minha opinião: foi valorosa, pode não ter sido brilhante, mas foi valorosa, teve méritos pra chegar à final e foi valente na final a seleção brasileira.

Em seguida, Galvão Bueno credita à seleção brasileira o resultado de uma bem-sucedida construção de audiência por parte da mídia. A seleção, é claro, fez sua parte, jogou futebol e venceu vários jogos, mas o “incêndio do país” deve-se à definição de realidade perpetrada pela mídia, mais do que a uma campanha “empolgante” do time brasileiro.

Pode não ter sido fenomenal a campanha brasileira, mas como incendiou o país, como animou o torcedor, como fez a festa aqui na França e o Brasil chega à grande final, os franceses estão esperando aí pra comemorar.

A sombra da outra derrota brasileira numa final de Copa do Mundo, em 1950, também se fez sentir, embora ela seja sumariamente negada pelo locutor da Rede Globo:

É um esporte, se ganha, se perde. Tira 50, quando era um torneio, que chegamos ali com o Uruguai em chance de decidir, depois disso, o Brasil foi a cinco finais, ganhou quatro, conhece a derrota pela primeira vez numa final, e a derrota às vezes traz muito ensinamento. Façam festa, franceses, vocês merecem. Pra seleção brasileira, a gente teria que dizer: [pausa] Valeu, Brasil, valeu! [entra em cena um VT previamente editado para veiculação em caso de derrota. As imagens mostram cenas das campanhas vitoriosas do Brasil em Copas do Mundo, e no final, cenas de um jogo de futebol de várzea] Locução: Valeu, Brasil! A imagem que fica do nosso futebol é essa: a final, somos os melhores do século. Seremos sempre o país do futebol. Bola pra frente! A Globo é mais Brasil!

Percebe-se no encadeamento da fala de Galvão Bueno o ponto de chegada previamente determinado, a “deixa” para a entrada do VT já editado. Com toda certeza, se o Brasil tivesse vencido, outro VT já estava pronto para ir para o ar, com uma outra “deixa” já anotada para o locutor. Quando a locução em *off* fala em “imagem que fica”, refere-se também à definição da

realidade, na impressão causada aos “outros”, os demais países do mundo, pelo “nosso” desempenho no campo de futebol. A incorporação metonímica do “povo brasileiro” a seus jogadores fica evidenciada no uso da primeira pessoa do plural, em flexões do verbo “ser”: “somos” e “seremos”.

Luciano do Valle, em sua fala, deixa o praticamente de lado o futebol e aponta para o “amadurecimento” da torcida, metonímia do povo brasileiro, em evolução rumo ao que ele chama de “um novo Brasil”:

A torcida brasileira num comportamento exemplar, mostrando que o brasileiro amadurece a cada dia que passa. É um novo Brasil. Em todas as reações, é um novo Brasil. Espero que no nosso país a gente tenha calma suficiente para entender, pra esfriar a cabeça, que ganhar sempre é impossível, e nessas derrotas muito honrosas, porque afinal de contas chegamos à final da Copa, aqui passaram 32 seleções e só duas chegaram à final e nessas duas estava o Brasil, entre as duas estava o Brasil. Então é isso que a gente tem que ter, cabeça fria, no lugar, porque o que vale é o gesto, a compreensão e o lado esportivo.

Percebe-se nesta fala também o motivo da honra, que se assegura não ter sido perdida, além do apelo ao chamado “espírito esportivo”, recorrendo à racionalidade para manter uma atitude serena frente à derrota, quando fala em “compreensão”, “cabeça fria” e “no lugar”. O apelo à racionalidade (nesse caso, uma espécie de antítese da “paixão”) e a definição assertiva de que a “honra nacional” não foi ameaçada, bem como o apelo ao espírito esportivo também estão presentes na fala de Juarez Soares, comentarista do SBT, que procura desinvestir a seleção brasileira dos atributos simbólicos da nacionalidade, tratando-a apenas como um time de futebol, “racionalizando”, desta maneira, a questão:

O Brasil perdeu. Perder um jogo de futebol, uma Copa do Mundo é motivo de tristeza para qualquer país, ainda mais o país nosso, que é o país do futebol. Mas não é motivo de catástrofe, de vida e morte. Eu sou daqueles que participa da idéia de que o Campeonato Mundial de Futebol e o futebol não é a pátria de chuteiras. É um campeonato, onde se ganha, se perde e se empata. O Brasil nesse campeonato perdeu duas partidas, empatou uma e ganhou as outras. (...) Se nós considerarmos que um vice-campeonato é honroso para qualquer seleção, o segundo lugar é uma posição digna para a seleção brasileira, porque não? Nós, brasileiros, é que não estamos acostumados com isso, mas eu acho que esta Copa mostrou que a gente precisa se acostumar de saber que chegar em segundo lugar sempre é um motivo de honra, evidentemente. (...) Essa mensagem, se me fosse permitido, nessa conversa, mais do que uma mensagem para a torcida brasileira, é dizer isso: não há nenhum motivo para desespero, não houve nenhum terremoto, né, a nossa nacionalidade, a nossa brasilidade não foi afetada em absolutamente nada. O Campeonato Mundial é um campeonato mundial de es-por-te, onde o Brasil chegou em segundo lugar e ponto final.

Luiz Alfredo, locutor da Rede Record, optou por fazer do elogio do adversário o mote de sua fala, onde relaciona diretamente o jogo de futebol à própria essência da nacionalidade (ao contrário da argumentação anterior):

A França tem mais de mil anos de diferença em relação ao Brasil, nós somos um país jovem, nós precisamos construir muito o Brasil, na base da liberdade, da igualdade e da fraternidade. Não só na Copa do Mundo, não só na Copa do Mundo, a gente tem capacidade pra isso. (...) Eles tiveram a humildade de aprender futebol com a gente, nós temos que ter a humildade de aprender com eles a sermos uma grande nação, e nós vamos ser.

Ao atribuir um significado para a derrota, o locutor não deixa de mostrar uma contradição entre o discurso “consolador”, de que “ser segundo lugar também é bom” e outro, que acredito ser mais próximo do sentimento do locutor, de que “perder é muito ruim”. Aqui, a derrota é vista como um trauma, um ferimento (talvez na “honra nacional”), do qual o locutor espera que o futebol brasileiro se recupere:

O futebol brasileiro vai se recuperar desse vice-campeonato. [breve pausa] É uma conquista, de uma certa forma...

Já Paulo Stein, da Rede Manchete, fez da exaltação dos aspectos educativos e morais do “mundo encantado” do esporte e sua relação com a condição humana o centro de sua fala, louvando a integração das diferenças promovida pela Copa do Mundo, evitando falar do jogo recém-terminado e também da seleção brasileira. Como se diz cotidianamente, “desconversou”:

O esporte é um mundo encantado, que nos ensina a ganhar e nos ensina a perder. Que torna o homem mais compreensivo, que torna o homem mais ser humano, que torna o homem mais voltado pra dentro de si, mais voltado pro comportamento da humanidade. É o entrelaçamento de ideologias, de raças, de religiões, nós vimos mesmo, nesta Copa do Mundo, o confronto entre Estados Unidos e Irã, quem diria? Só o esporte é capaz disso. De colocar amistosamente, dentro do campo, dentro de uma quadra, antagonistas de religiões, de idéias e encontrar nesse convívio uma imensa alegria.

Esta fala vai “consolar” o telespectador ao demonstrar a trivialidade da recente derrota quando vista das alturas do “mundo encantado” do esporte, louvável e altruísta, que “humaniza” o próprio homem, sendo o convívio lúdico com o “outro” uma atividade que possibilita uma “imensa alegria”. Ora, nessa perspectiva, o que são meros 3 a 0?

4. Para terminar

A leitura dos dados provenientes das locuções esportivas da partida de futebol considerada neste artigo aponta para algumas direções a respeito das representações veiculadas pelos locutores em sua definição da realidade acerca dos fatos do jogo. Em

primeiro lugar, a evidente parcialidade (assumida, inclusive) deste discurso, que o distancia dos cânones da chamada “neutralidade jornalística”. Esta parcialidade se manifesta no enfoque dado aos fatos do jogo: em caso de qualquer possibilidade de dúvida ou ambigüidade, o enunciador “vê” (e, na qualidade de locutor, “fala”/“define”) uma conspiração estrangeira contra o “nosso” time. O fato de os demais locutores nada dizerem sobre tais “conspirações” apenas confirma o caráter eminentemente subjetivo de tal definição da realidade.

Em segundo lugar, a motivação e o favoritismo do Brasil para este jogo foram em grande parte construídos pela mídia, visando (como de praxe) otimizar o índice de audiência, que reverte imediatamente em lucro para as emissoras. Assim, a expectativa inicial de uma vitória por goleada teve de ser manejada minuto após minuto sob a forma de um otimismo que começou a tropeçar na confusão gerada pela notícia da não escalação de Ronaldo, a seguir seu desmentido, em uma dança de versões concorrentes e contraditórias que, ao chegar a hora do jogo, não permitia mais arroubos de ufanismo. Durante o jogo, o otimismo foi esfriando, e, articulados aos fatos do jogo, os discursos dos locutores foram passando da confiança e do otimismo absolutos até a reserva e a resignação, no final do jogo. Cabe notar que em nenhum momento, qualquer dos discursos resvalou para a acusação e a culpabilidade, a não ser, talvez, apontar o jogador considerado culpado em algum lance, mas jamais se criticou a seleção brasileira ou o técnico Zagallo (durante o jogo, é claro; posteriormente, a imprensa não poupou ninguém). Afinal, estavam todos comprometidos com as palavras ditas no jogo anterior, em que Zagallo fora incensado e os jogadores, idolatrados.

Consumada a vexatória derrota, a maior de todos os tempos, restou aos locutores transmitindo ao vivo a festa da vitória adversária o dever auto-impingido de “consolar” os telespectadores. A questão da “honra nacional” foi a tônica de várias das falas, que garantiram unanimemente que esta em nada havia sido abalada, em termos como “respeito”, “brasilidade” e “derrota honrosa”. Este argumento se articula com a relação freqüentemente estabelecida entre a seleção brasileira e a nação brasileira, ou o “Brasil”, sendo este time de futebol uma espécie de “metonímia” da nação, outro motivo freqüente nas falas analisadas, que se referem a um projeto nacional em constante evolução, que o futebol brasileiro representa, referido por exemplo quando se fala que “é um novo Brasil” ou em “aprender a sermos uma grande nação” (ver, neste sentido, Guedes, 1998). A dimensão passional da nacionalidade, que o futebol representa, em outro argumento utilizado, deve ser negada, justamente separando-se o “nacional” do “mero jogo”. Neste sentido, apela-se para a racionalidade como possibilidade de distanciamento do sofrimento, nega-se o envolvimento afetivo com o esporte, a paixão do jogo, quando se fala em “esfriar a cabeça”, “manter a

cabeça no lugar” e em “compreensão”. Outra linha de argumentação que complementa essa é o apelo ao “espírito esportivo”. De acordo com os ideais de nobreza desinteressada (como os ideais “olímpicos” do Barão de Coubertin), deve-se jogar lealmente, ser humilde na vitória e sereno na derrota, afinal de contas, “o importante é competir”. Esta lógica olímpica “consola” à medida em que distancia o evento em questão, fonte de sofrimento, ao colocá-lo em perspectiva com coisas “mais nobres”, como a “humanidade”, o “entrelaçamento de raças, ideologias e religiões” promovido pelo esporte. Finalmente, o grande consolo: somos os melhores do século. Cabe ressaltar que a organização do futebol como o conhecemos hoje tem pouco mais de cem anos, e que a Copa do Mundo (torneio que permite “provar” essa afirmativa) só começou a ser disputada em 1930. Nessa perspectiva, ser “o melhor do século” equivale a ser “o melhor de todos os tempos”. Graças ao título mundial de 1994, fomos salvos da derradeira humilhação: ser superados no número de títulos mundiais. Um anúncio publicitário veiculado nos jornais na segunda-feira após a derrota afirma, neste sentido: “Tudo bem. Ninguém ainda é tetra.” Este título foi, na verdade, o grande relativizador, o lastro derradeiro da frágil auto-estima nacional manifesta nas locuções analisadas. A vitória de 1994 foi acionada como o nosso grande princípio identificador. Graças a este título, a voz em *off* da Rede Globo pôde afirmar, em seu tom algo profético – e um tanto assustador:

“SEREMOS SEMPRE O PAÍS DO FUTEBOL!”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BERGER, P. e LUCKMANN, T. *A Construção Social da Realidade*
Petrópolis, Vozes, 1985.
- BETTI, M. *Violência em Campo – dinheiro, mídia e transgressão às regras no futebol espetáculo* Ijuí, Editora Unijuí, 1997.
- BOURDIEU, P. “A Economia das Trocas Lingüísticas”
in: *Sociologia* (org. Renato Ortiz) São Paulo, Ática 1983.
- _____ “É Possível Ser Esportivo?” in: *Questões de Sociologia*
Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983a.
- CHARAUDEAU, P. *Langage et Discours – éléments de semiolinguistique*
Paris, Hachette, 1983.
- ECO, U. “A Falação Esportiva” in: *Viagem na Irrealidade Cotidiana*
Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.
- FAUSTO NETO, A. *Mortes em Derrapagem*.
Rio de Janeiro, Rio Fundo, 1991.
- GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*
Rio de Janeiro, Zahar, 1978.



GUEDES, S. L. *O Brasil no Campo de Futebol*. Rio de Janeiro, EDUFF, 1998.

HALL, S. *Representation – Cultural Representations and Signifying Practices*
London, Sage Publishers/The Open University, 1997.